

O Poder de Perdoar

Steve Flatt

Dois outros homens, ambos criminosos, foram também levados com ele para serem executados. Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, aí o crucificaram, juntamente com os criminosos, um à sua direita e outro à sua esquerda. Jesus disse: 'Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem'. E repartiram as suas vestes, lançando sortes. O povo observava, e os príncipes zombavam dele, dizendo: 'Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito'. Os soldados também se aproximaram e troçaram dele. Ofereceram-lhe vinagre e disseram: 'Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo'. Havia uma inscrição por cima dele, que dizia: 'Este é o Rei dos Judeus'. Um dos criminosos que ali estavam pendurados insultava-o: 'Não és tu o Cristo? Salva-te a ti e a nós!' Mas o outro criminoso repreendeu-o: 'Não teme a Deus? ', disse ele, 'uma vez que está sob a mesma sentença? Nós somos punidos com justiça, pois estamos a receber o que as nossas obras merecem. Mas este homem não fez nada de mal'. Então ele disse: 'Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino'. Jesus respondeu-lhe: 'Digo-te a verdade: hoje estarás comigo no paraíso'. (Lucas 23:32)

Ao observar a cena da crucificação, com qual das personagens se identifica mais facilmente? Ao olhar para os seus rostos, há algo que o faça lembrar de si mesmo? Para alguns de vós, essa resposta pode ser Pedro. Vocês fazem declarações e promessas de lealdade, apenas para as verem falhar. Pode estar a lutar contra a culpa e a frustração, perguntando-se: pode Deus perdoar-me por falhar novamente? Talvez se identifique com Pilatos. Pense em Pilatos, a palavra-chave é "Quase", não é? Ele "quase" libertou o Filho de Deus. Ele "quase" fez a coisa certa. Talvez a sua vida esteja envolta na palavra "Quase". Você "quase" se tornou cristão. "Quase" viveu uma vida de fé. "Quase" viveu uma existência disciplinada.

Talvez se identifique com a Maria. Penso que existem muitas Marias, tanto homens como mulheres, fiéis, leais, verdadeiras, ora tristes ou ora confusas. Ou talvez alguém se identifique com o João. Você também está lá, mas é tímido, calado, tem medo. Fora deste lugar, não há realmente ninguém que saiba que é discípulo de Jesus.

Ao observar todo o elenco de personagens em redor da crucificação, com quem se identifica? No meio de todas estas personagens, sugiro que há um com quem cada um de nós que está em Cristo se pode identificar. Ele é o foco do nosso estudo. Não vai gostar, mas todos nós, cristãos, nos identificamos com o bandido crucificado. Como ele, está pendurado na cruz ao lado de Jesus. Tal como ele, olhaste com fé e fizeste o pedido mais inimaginável possível. E tal como ele, recebeu aquilo a que Paulo chamou o "dom indescritível" da salvação.

O que nos diz a cena do ladrão crucificado? O que nos mostra ela? Apenas duas coisas básicas, mas são as duas lições mais importantes que um ser humano poderia aprender. O valor incomensurável de uma pessoa e a profundidade incomensurável do amor de Deus. É uma história bonita, em muitos aspetos, uma história misteriosa. Durante gerações, a história do ladrão crucificado tem sido uma controvérsia para alguns sobre como alguém aceita a graça de Deus hoje, sobre como alguém se torna cristão. Pessoal, não foi registada para esse efeito. Tudo isto ocorreu antes de haver cristãos, antes de Deus estabelecer a sua igreja. A razão pela qual a história percorreu a história é para nos

mostrar, tão graficamente como qualquer outra página da Bíblia, estas duas lições poderosas: o valor incomensurável de uma pessoa e a profundidade incomensurável do amor de Deus.

Sete declarações de Jesus na cruz resumiam toda a sua vida e missão como separadores ou uma página de índice num grande caderno. Abre-se e encontra-se um volume de material atrás de cada pequena aba.

1.º O valor incomensurável de uma pessoa.

Vemos Jesus a tratar aquele bandido crucificado da mesma forma que sempre tratou as pessoas ao longo do seu ministério. Estas pessoas são desamparadas e olham para ele com fé. Por exemplo, demonstrou o mesmo cuidado e graça muito antes, quando desceu do Sermão da Montanha. Mateus conta-nos no seu evangelho, capítulo 8, que estava reunido em torno de um grupo de pessoas que conversavam quando, de repente, o grupo se dispersou como baratas que tinham acabado de ver um raio de luz. Alguém grita a plenos pulmões: "Leproso". De facto, ali estava ele, uma massa amontoada de humanidade, uma ferida ambulante, uma ferida purulenta, talvez sem braço, talvez sem nariz. Vou dizer-lhe com certeza: ele não tinha nada, a não ser uma última e desesperada oração. O leproso olhou para cima e disse: "Mestre, se quiseres, podes purificar-me."

Vejam, aquele leproso tinha exatamente o que o ladrão crucificado não tinha, exceto uma oração desesperada. Lembra-se do que Jesus fez com aquele leproso? Jesus estendeu a mão e tocou-lhe. Colocou as mãos numa daquelas feridas abertas e sangrentas. Agora é preciso ver Pedro e João ali nos arbustos, a olhar para fora, a dizer: "Oh, não, Mestre, Mestre, não, não lhe toque!". Por que razão ele fez isso? Jesus não poderia ter curado o leproso sem lhe tocar? Claro que podia. Por que razão ele fez isso? Ele estava a ensinar-nos o valor incomensurável de uma pessoa.

Pessoal, um ser humano tem valor porque é humano. O mundo não compra isso. O mundo ensina-nos que temos valor com base na nossa aparência, no que podemos fazer ou no que temos na nossa conta bancária. Agora, pega-se nessas coisas e combina-se, e tem-se o sistema de valores do mundo. Deus diz: "Não, tu és valioso simplesmente porque foste feito à Minha imagem, único em toda a Criação."

Jesus ensinou a mesma coisa à mulher adúltera em João 8. Lembras-te da história dela? Ela não tinha base para se sustentar. Tinha sido apanhada em flagrante adultério. Ela não tinha defesa. Diríamos que ela era culpada como o pecado. Mas quando os seus olhos se cruzaram com os de Jesus, ela não viu o ódio e a amargura que vira naqueles outros olhos. Ela encarou-o com uma súplica, e ele poupou-lhe a vida.

As histórias do Evangelho continuam, a da mulher samaritana, Zaqueu naquela árvore e o cego Bartimeu. Por isso, não devemos ficar surpreendidos ao ver o que aconteceu a este homem que morreu ao lado de Cristo. É interessante que não saibamos muito sobre este ladrão, não é? Não sabemos o seu nome, a sua cidade natal, o que fazia para viver ou o que sabia sobre Jesus. Alguns especularam que era um patriota, um daqueles judeus fanáticos que tentavam expulsar o exército romano da terra. Para dizer a verdade, duvido. Duvido porque, a ser verdade, o Lucas teria certamente contado. E se não fosse Lucas, algum outro historiador, algures, teria mencionado isso.

Não, acho que temos de encarar o facto de que este homem pendurado ao lado de Jesus era apenas um bandido. Era apenas um ladrão. Na verdade, a julgar pela severidade da sua sentença, foi o pior dos piores. Era um criminoso habitual, e morrer numa cruz romana por roubo foi realmente muito grave. Não há como dizer quantas outras atrocidades pode ter cometido. Alguém pergunta: "Bem, se ele era assim tão mau, o que é que Jesus nos está a tentar ensinar?"

2.º A incomensurável profundidade do amor de Deus

Deixemos as nossas mentes vaguear de volta àquela cruz naquela colina a que chamavam "Gólgota", ou o lugar da caveira. Era árido, parecia uma caveira. Era um lugar onde tinham caído muitas caveiras. Agora imagine que está no meio da multidão ao pé da colina, a olhar para aquelas três cruzes em silhueta. Aproximas-te um pouco mais para ver o rosto daquele a quem chamam criminoso, aquele que eventualmente pediria perdão.

Quando olhamos para ele, o seu rosto está cinzento, pálido e cansado por não sabermos quanto tempo passou na cadeia e na prisão. Os seus olhos estão encovados e o desespero destruiu qualquer sensação de alegria na sua vida. Ele praticamente desistiu. "Vamos acabar logo com isto", pensa, "Vamos acabar logo com isto". Então, está pendurado nessa cruz, e restam apenas alguns grãos de areia na sua ampulheta.

Mas depois olha para o homem crucificado ao seu lado. O homem no meio, o homem sobre cuja cabeça está pregada uma placa que diz: O Rei dos Judeus. Não sabemos se este bandido já tinha visto Jesus antes, talvez tivesse visto. Talvez tivesse visto um milagre, talvez tivesse visto Jesus amar os que não eram amáveis, talvez tivesse visto o nosso Senhor tratar a escória da terra como o sal da terra, talvez tivesse ouvido um dos seus ensinamentos, ou talvez tudo o que sabia sobre Jesus fosse o que estava a ver naquele momento, um carpinteiro crucificado cujos pulmões estavam ofegantes e cuja pele estava rasgada e a sangrar. Mas, ao olhar para o homem que estava ao seu lado, havia algo naquele homem que fascinava o ladrão. Porque é que este sujeito estava tão sereno? Porque é que ele estava tão incrivelmente quieto enquanto todos os outros o ridicularizavam? Porque é que ele não grita de dor como todos os outros que estão na cruz? Então, algo incrível começou a acontecer.

Este bandido, este ladrão, começou a esquecer-se de si próprio. A intensidade da sua dor atenua-se momentaneamente, a dor dos pregos é momentaneamente esquecida e ele vê-se incapaz de desviar o olhar daquele homem. Sente uma emoção que não sentia há "sabe-se lá quando". Vê-se preocupado com o Messias. Ele dá por si a importar-se com este homem. Um bandido calejado, há tanto tempo que não liga a nada. Parece estranho, mas o sentimento está lá.

Há uma interrupção. Uma voz semelhante a uma sirene de nevoeiro interrompe a sua linha de pensamento. Vem do outro bandido, o sujeito que está crucificado do outro lado. A voz é amarga e feia. Veja, outra pessoa também estava a olhar para Jesus. Este criminoso não estava a olhar para o nosso Senhor com os olhos da compaixão e da preocupação. Ele estava a olhar através das lentes rachadas do cinismo.

Não é incrível como duas pessoas podem ser tão próximas de Jesus, ter praticamente as mesmas circunstâncias e, ainda assim, ter perspectivas totalmente diferentes? Alguma vez ficou surpreendida ao ver como uma delas se pode mostrar absolutamente empenhada em seguir o Senhor e a outra simplesmente rejeitá-lo completamente, e ainda assim as suas circunstâncias serem praticamente as

mesmas? Nunca o compreendi completamente, mas aqui está um exemplo clássico. Uma sentiu-se impelida a pedir o impossível pela fé, e a outra queria simplesmente juntar-se às vaias da multidão. "Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo. Ah, e já que estás nisto, salva-nos também!" Era apenas mais uma provocação verbal. Depois, silêncio novamente.

Pergunto-me se aquele ladrão crítico não esperava mesmo que o outro sujeito se lhe juntasse. A miséria adora companhia. Mas, em vez disso, acontece a coisa mais notável. Aquele outro bandido faz exatamente o contrário. Não sei quantas pessoas ouviram o que ele disse a Jesus. Falo daqueles que estavam no chão, os soldados, Maria e os outros. Mas garanto que qualquer pessoa que ouviu ficou admirada. "Não temeis a Deus?", diz o ladrão? "Uma vez que estão sob a mesma sentença, somos punidos com justiça. Estamos a receber o que as nossas ações merecem, mas este homem não fez nada de errado". Depois diz: "Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu reino." Não consegue ver o soldado a olhar para cima, Maria a limpar uma lágrima e a fitar o rosto daquele ladrão? Ora, consigo ver os anjos no céu a arfar. "Quando foi a última vez que este sujeito falou em nome de alguém?"

Mas aqui está ele, a realizar talvez o ato mais nobre registado nas Escrituras, quando mais ninguém se prontificou a defender Deus, quando quase todos os outros viraram as costas, quando até os anjos choravam e os demónios do inferno dançavam na luz, pensando que tinham morto o Filho de Deus. Foi preciso um bandido, um bandido rejeitado e desprezível para se posicionar em nome de Deus e, ao fazê-lo, no próprio ocaso da sua existência, salvou tudo na sua vida.

Pedro, aquele que nunca O abandonaria, não estava em lado nenhum. Pilatos, o autoritário, lavara as mãos há muito tempo. A multidão tornara-se inconstante, os discípulos fugiram, mas um bandido, sem sequer saber, partilha connosco as três coisas que precisa de saber e acreditar no fundo do seu coração se estiver pronto para vir a Cristo. O que preciso de saber para me tornar cristão? O que preciso de compreender? Malta, vocês nunca desistem de compreender, é difícil. Onde traçam esse limite?

O livro dos Atos mostra vários exemplos dos que se converteram a Cristo e as necessidades básicas que compreenderam. Mas tudo está aqui resumido tão claramente como em qualquer outro lugar que já tenha visto.

Chegou à conclusão de que estava imundo. Ele olhou e disse: "Sabes que mereço o que estou a receber." Não disse apenas que era um pecador. Ele estava a dizer: "Eu sou um mega pecador. Eu mereço estar pendurado nesta cruz. Eu mereço morrer", ofegando.

Chegou à conclusão de que Jesus era absolutamente puro. Ele disse: "Mas este homem não fez nada de errado". O bandido disse: "Eu sou culpado. Deus é inocente. Eu estou errado, Ele está certo. Estou perdido, mas Ele é o Salvador." O bandido disse sobre ele e o seu amigo ali, o seu companheiro do outro lado: "Estamos aqui porque merecemos, mas ele não."

Jesus tem o poder de nos incorporar num reino que transcende esta vida. O ladrão sabia que restavam apenas alguns grãos na sua ampulheta e, sabendo que estava a morrer, olhou e disse: "Mestre, lembrar-se-á de mim quando entrar no seu reino?"

Por esta altura, Jesus já tinha virado a cabeça para o ladrão, e não posso deixar de me perguntar se, mesmo no meio da dor, Jesus conseguiu esboçar um leve sorriso ao agarrar aquela ovelha perdida e solitária, partida, ferida e a sangrar, coxeando para o redil. Aquela ovelha olhou para o pastor e disse:

"Posso entrar? Não mereço, mas posso entrar? Mestre, lembrar-te-ás de mim quando entrares no teu reino?". O bom pastor olhou para a ovelha e disse: "Entra. Hoje, estarás comigo no Paraíso." O valor incomensurável de um ser humano, a profundidade incomensurável do amor de Deus.

As palavras do cântico "Sob a Cruz de Jesus" resumem esta lição: "Nessa cruz de Jesus, os meus olhos podem, por vezes, ver a forma moribunda dAquele que sofreu por mim; e do meu coração ferido, com lágrimas, confesso duas maravilhas: as maravilhas do seu amor glorioso e a minha própria inutilidade", exceto que não somos inúteis aos olhos do Deus salvador. Lição da Graça Incrível nº 1252, Steve Flatt, 3 de Março de 1996

Palavras de conforto e lealdade

Os autores dos quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João, registam as palavras proferidas por Jesus quando estava pendurado na cruz — sete declarações ao todo. A terceira é talvez a cena mais tocante e ternurenta de todas as cenas que temos do Calvário. É a cena em que Jesus olha para a mãe e diz: "Mulher, eis o teu filho", e depois para João, o discípulo amado: "Eis a tua mãe". Esta é uma cena bela e tocante de conforto e lealdade.

Quando os soldados crucificaram Jesus, tomaram as suas vestes, dividindo-as em quatro partes, uma para cada um, ficando a túnica. Esta túnica não tinha costura, tecida numa só peça, de alto a baixo. Disseram uns aos outros: 'Não a rasguemos. Vamos tirar a sorte a quem vai ficar com ela.' Isto aconteceu para que se cumprisse a Escritura, que diz: 'Repartiram entre si as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica.' E assim fizeram os soldados. Perto da cruz de Jesus estavam a sua mãe, a irmã da sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu ali a sua mãe, e o discípulo que Ele amava, ali perto, disse à sua mãe: 'Mulher, eis o teu filho', e ao discípulo: 'Eis a tua mãe'. A partir desse momento, o discípulo recebeu-a em sua casa. (João 19:23-27)

Quatro soldados crucificaram Jesus e dividiram as suas vestes em quatro partes diferentes. Mas, para nos ajudar a compreender o padrão do que está a acontecer, vamos recuar um pouco na história e analisar alguns dos costumes judaicos de vestuário, bem como alguns dos costumes romanos que rodearam a crucificação.

Um homem judeu usava normalmente cinco peças de roupa. Primeiro, usava um acessório para a cabeça, talvez um turbante ou algum tipo de tecido. Já viu fotografias na televisão do tipo de acessório de cabeça que as pessoas no Extremo Oriente e no Médio Oriente usam para manter o cabelo longe do rosto e no lugar. Era um acessório de cabeça tradicional usado há séculos.

Mas o homem judeu usava algum tipo de sapato, geralmente uma sandália de couro. Uma terceira peça de vestuário era um manto comprido, geralmente com uma fenda na parte superior, por vezes completamente aberto ou com uma fenda nos lados. Pendia perto dos tornozelos e era uma vestimenta larga.

A quarta peça de roupa era o cinto, ou cinto, como lhe chamaríamos. Era feito de outro pedaço de tecido ou, por vezes, de um pedaço de couro usado para atar à cintura. Isto impedia que a longa e esvoaçante vestimenta exterior fosse levada pelo vento, mas ainda assim permitia que ficasse solta. Por fim, um judeu usava uma roupa interior. No caso de Jesus, era feita de uma única peça de tecido, sem costura, de alto a baixo.

Tradicionalmente, esta roupa interior era feita por uma mãe e dada ao filho quando este atingia a maturidade, quando se tornava adulto. Muito provavelmente, foi isso mesmo que Maria fez por Jesus. Agora lembre-se, porque isto entrará em ação em breve.

Os romanos também tinham alguns costumes em relação à crucificação. Havia cinco soldados romanos sempre designados para a tarefa da crucificação. Quatro deles tinham a responsabilidade de pregar os pregos e colocar a cruz no lugar. Mas, depois de a cruz estar de pé e erguida, formavam uma espécie de posto de guarda de quatro cantos. Se houvesse qualquer tipo de ameaça, eram os únicos a proteger a vítima enquanto esta estava na cruz para morrer uma morte dolorosa.

O soldado responsável pelos outros quatro era o centurião. Ele supervisionava a crucificação. Um dos benefícios que os quatro soldados tinham era que podiam partilhar a roupa que a vítima estivesse a usar naquele dia. Era isso que faziam com as vestes de Jesus enquanto Ele ali estava pendurado, nu e humilhado. Estavam a apostar as suas roupas.

O problema era que Jesus tinha provavelmente cinco peças de roupa, mas apenas quatro soldados. O centurião aparentemente não se envolveu nesta atividade. Portanto, um levou o capacete, outro as sandálias, outro a capa e outro o cinto. Mas quem ficaria com a quinta peça, a roupa interior? Como decidem? O João diz-nos que, para decidir qual dos quatro ficaria com aquela roupa interior, lançavam sortes ou jogavam por ela. Podíamos dizer que estavam a jogar aos dados para ver qual deles ficaria realmente com a roupa interior. Sem dúvida, não sabiam, mas João diz-nos que estavam, na verdade, a cumprir uma profecia de David registada no Salmo 22:18. Assim, com este tipo de conhecimento prévio, conhecendo os costumes de como os homens judeus se vestiam e sabendo um pouco sobre os costumes dos soldados romanos quando crucificavam as suas vítimas, vamos voltar à cena e ver se faz um pouco mais de sentido.

Havia outros presentes na crucificação, para além dos soldados que o crucificaram e da multidão trocista que o insultava. Pelo menos um dos discípulos que o tinha abandonado regressou. João estava com Maria e pelo menos outras três mulheres. Deve ter sido um pouco perigoso para aquelas quatro mulheres estarem ali à volta da cruz com Jesus. Afinal, para um homem ser considerado um criminoso ao ponto de o governo romano o considerar digno de ser crucificado, faz dele o tipo de pessoa com quem provavelmente não se quer estar por perto, por medo de que algo nos possa acontecer. Afinal, não foi por isso que todos os outros discípulos fugiram? Mesmo depois de Jesus ter ressuscitado e ascendido ao céu, os apóstolos reuniram-se no Cenáculo de Jerusalém com medo até de sair, por medo de que provavelmente lhes pudesse acontecer o mesmo?

No entanto, estas mulheres estavam ali por amor e devoção a Jesus Cristo, sem se importarem muito com o potencial perigo. Quem eram aquelas outras três mulheres? Uma delas era Maria, mulher de Clopas. Agora, não fazemos ideia de quem era, exceto que era a esposa de Clopas. Não temos mais nenhuma informação sobre ela, mas era uma pessoa que amava Jesus.

Outra mulher era, segundo Mateus, a mãe dos filhos de Zebedeu, Tiago e João; segundo Marcos, Salomé e, segundo João, a irmã da mãe de Jesus. Assim, Tiago e João eram primos em primeiro grau de Jesus. Lembra-se de algo sobre Salomé, algo que ela tinha feito anteriormente no ministério de Jesus? Foi ela que veio ter com Jesus e lhe disse: "Senhor, quando estabeleceres o teu reino, quero

que dê tronos, um à tua direita e outro à tua esquerda, aos meus filhos, Tiago e João". A resposta de Jesus foi uma repreensão amorosa, pois este tipo de ambição egocêntrica não era o caminho para o reino ser. Na verdade, Salomé não fazia ideia dos problemas que viriam e do preço que seria pago pelos seus discípulos mais tarde.

A terceira mulher é identificada como Maria Madalena, a mulher de quem Jesus expulsou espíritos malignos. Estava tão grata pelo que Jesus tinha feito que jamais conseguiria esquecer. Ela não se importava com o perigo que havia na cruz. Amava o seu Senhor e jamais perderia a gratidão pelo que Jesus lhe tinha feito. Então, ela está ali, aos pés da cruz.

Mas depois há uma outra mulher nomeada, na verdade é nomeada em primeiro lugar, embora estejamos a falar dela em último lugar. Era a sua mãe, Maria. Embora a Maria estivesse lá o tempo todo, é-nos apresentada em conjunto com a roupa interior que lemos há pouco. Olhe novamente para o texto e verá que depois de a roupa interior ser mencionada; é naquele momento em que a sua roupa interior está a ser apostada que Jesus fala então com a sua mãe. Aparentemente, quando os soldados tocaram naquela roupa interior, tocaram em algo que era muito próximo e querido ao seu coração, bem como ao coração da sua mãe, porque muito provavelmente ela tinha feito aquela roupa interior para Jesus. Não admira, pois, que enquanto apostavam por aquela roupa interior, ele se virasse e se dirigisse à sua amada mãe.

Talvez Maria não fosse capaz de compreender tudo o que estava a acontecer naquele momento. Duvido que fosse. Mas ela era capaz de o amar; afinal, aquele era o seu filho — aquele era o seu filho primogénito. Existe algo como o amor de uma mãe em todo o mundo? Eu acho que não existe. Consegue imaginar o que Maria deve ter experimentado enquanto estava ali aos pés da cruz, vendo o seu filho, o seu primogénito pendurado, a morrer, a sangrar, a sofrer, a lutar por cada respiração? Foi concebido pelo Espírito Santo e o anjo disse que se chamaria Filho de Deus. Pensar-se-ia que ninguém iria querer ficar parado a ver aquilo, mas aquela era a sua mãe e aquele era o seu filho. Ela tinha de estar lá, é a coisa mais natural do mundo para ela estar lá, por mais doloroso que fosse. Jesus pode ser um criminoso aos olhos da lei, Jesus ainda era seu filho.

Pense em tudo o que Maria tinha visto, tudo o que tinha ouvido e tudo o que tinha vivenciado até àquele momento. Quando Jesus tinha apenas oito dias de vida, recorda-se que ela e José levaram o Menino Jesus ao templo? Iam consagrá-lo, e era tempo da sua circuncisão. Levaram-no ao templo onde Simeão, um velho sábio e piedoso, a quem o Espírito Santo tinha feito uma promessa: "Simeão, não morrerás até veres o Messias". Ao ver Jesus, Simeão percebeu que a promessa se tinha cumprido. Era o Filho de Deus. "Então Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: 'Este menino está destinado a causar queda e soerguimento para muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, para que os pensamentos de muitos corações sejam revelados. E uma espada trespassará também a tua alma.'" (Lucas 2:34-35)

Acha que Maria tinha alguma ideia do que Simeão estava a falar quando Jesus tinha oito dias de vida, quando lhe disse: "E uma espada trespassará também a tua alma?" Duvido muito. Mas ela viveu para ver os seus piores medos concretizados. Viveu para ver o seu filho, que veio dar a vida por todos, ter uma espada a trespassar o lado. Maria viveu para ver o dia em que lhe pregaram pregos nas mãos. Ela viveu para ver o dia em que lhe enfiaram aquela coroa de espinhos na testa. Ela viveu para ver o dia em que ele deu o seu último suspiro. Custou muito a Maria submeter-se à vontade de Deus, não

é? Pense em todos os vários incidentes que lhe devem ter passado pela cabeça enquanto estava ali aos pés da cruz e assistia à morte de Jesus. Agora tinha chegado o momento em que o plano final de Deus se estava a cumprir para o seu filho primogénito. Jesus seria um mártir e morreria pelos pecados do mundo inteiro.

Observe algo mais sobre a Maria. Seria fácil não perceber. Diz que Maria estava ali. Ela levantou-se. Ela não desmaiou, não caiu. Exteriormente, era ainda a mesma mulher calma que recebera a saudação do anjo cerca de três décadas antes. Ela disse àquele anjo: «Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». Maria ainda demonstrava o mesmo tipo de força. Então, nesse dia, ela uniu-se ao grande sofrimento do seu filho e bebeu o cálice até à última gota de amargura.

Deve ter sido um choque para todas aquelas pessoas que ouviram Jesus gritar: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?". Que choque doloroso deve ter sido; mas não partiu o coração de mais ninguém do que partiu o de Maria. Ela ficou ali, a ouvir aquilo. Nunca a tristeza se apresentou de forma mais tocante do que aquela que vemos na vida de Maria. Mas mesmo no meio de toda a sua amarga angústia, com quem se preocupa? Ele preocupa-se com a sua mãe, não é? Ao vê-la de pé, com João ao seu lado, disse à mãe: "Mulher", como diz a versão King James, "Eis o teu filho, eis o teu filho". Certamente, esta era a forma de Jesus lhe dizer a ela e a João que agora João assumiria a responsabilidade por Maria. A vida terrena de Jesus estava prestes a terminar e alguém precisava de cuidar dela. Embora ela fosse forte, precisaria de apoio. João era aquele em quem Jesus confiava para prestar esse apoio.

Talvez pareça um pouco estranho, mas não havia ninguém da família dela para ajudar. Porque é que Jesus teve de delegar essa responsabilidade a João? Aparentemente, José, o seu marido, tinha morrido. Não sabemos ao certo, mas não temos qualquer menção ao nome de José depois de Jesus ter completado 12 anos. Portanto, Maria era provavelmente viúva. Jesus não podia chamar nenhum dos seus irmãos para cuidar da sua mãe porque, embora ela acreditasse nele, João diz-nos que nenhum dos seus irmãos acreditava ainda que ele era o Cristo. Aparentemente, nenhum deles estava por perto, já tinham partido há muito tempo. Talvez nunca lá tivessem estado. Então, olha para o João, o seu querido amigo, e diz-lhe: "João, toma conta desta mulher, ela é tua mãe."

A Bíblia diz-nos que todos os discípulos abandonaram Jesus. Mas João estava na cruz, de pé, mesmo ao pé da cruz. Quem sabe onde estavam os outros 11 ou os outros 10? Judas tinha-se matado, os outros 10 estavam escondidos algures, mas João estava ali, leal a Jesus. Jesus sabia que podia confiar em João. Então, enquanto João estava ao lado de Maria, a mãe de Jesus, Jesus disse a João: "João, eu sei que posso confiar em ti. És leal a mim e serás tão leal à minha mãe como foste a mim. Quero que cuides dela." Que elogio foi isto para o João! Significou mais do que apenas proporcionar um teto sobre a sua cabeça; significou assumir a responsabilidade por ela. A última vez que Maria é mencionada no Novo Testamento é no livro dos Atos, quando está na presença de outros discípulos que aguardam o dom do Espírito Santo, mas a Bíblia diz-nos que ela está ali com João. Portanto, João está a viver à altura da confiança que Jesus depositou nele.

É uma história poderosa; é apenas parte da história, é apenas uma das sete afirmações. Há tanta riqueza nesta cena da morte de Jesus Cristo. Mas vamos tentar fazer três breves aplicações a partir dela:

A graça é estendida àqueles que falham. Se há uma coisa na vida de João que ele gostaria de ter voltado atrás e conseguido desfazer e apagar, seria o momento em que também ele, como todos os outros, abandonou Jesus, mas não conseguiu apagar isso.

Não está contente por, quando John cometeu aquele erro, o Senhor não ter dito: "Ok, John, tiveste a tua oportunidade, mas erraste, senta-te. Estás fora." A sua graça foi mais do que suficiente para John, que o aceitou de volta e até lhe deu a bendita responsabilidade de cuidar da sua mãe. Pessoal, quando falharem — não se falharem, mas quando falharem, e todos nós falharemos — voltem-se para Jesus como João fez, porque o nosso Senhor é um Senhor gracioso e que nos aceitará de volta e nos restaurará.

A água é mais espessa que o sangue. Todos nós já ouvimos aquela velha expressão: "O sangue é mais espesso do que a água". Em Jesus, "a água é mais espessa que o sangue". A referência que estou a tentar fazer é que, através das águas do batismo, entramos em contacto com o sangue de Jesus Cristo. Quando confessamos os nossos pecados, expressamos a nossa fé em Jesus Cristo e somos sepultados no batismo nas águas para perdão dos nossos pecados, somos ressuscitados, nascemos dessa água uma nova vida, uma nova criação. Tornamo-nos cristãos. Tornámo-nos irmãos e irmãs uns dos outros e do Senhor Jesus Cristo. Um novo relacionamento forma-se quando nascemos na água para um relacionamento muito mais precioso e poderoso do que os nossos próprios relacionamentos de sangue. Nós, que fomos lavados no sangue de Jesus Cristo nas águas do batismo, sabemos que, muitas vezes, a água é mais espessa que o sangue.

Nunca vá além do chamamento para honrar os nossos pais. Paulo escreveu: "Filhos, obedecei aos vossos pais em nome do Senhor, pois isto é justo: Honrai o vosso pai e a vossa mãe, que é o primeiro mandamento com promessa, para que tudo vos corra bem e tenhais vida longa sobre a terra." (Efésios 6:1-3) Jesus, mesmo nos seus momentos de morte, prestou homenagem e homenagem à sua querida e doce mãe. Não importa quais sejam as circunstâncias para nós, ou para os nossos pais, nunca envelhecemos demasiado, nunca nos tornámos demasiado sofisticados e nunca ultrapassamos o apelo para honrar o nosso pai e a nossa mãe. Jesus, mesmo nos seus momentos de morte, demonstra essa mesma verdade. Lição da Graça Incrível nº 1253 Steve Flatt 10 de Março de 1996